

FORTE DE SANTA CATARINA

Paulo Roberto Rodrigues Teixeira



“O forte do Sul da entrada da barra do Rio Paraíba do Norte foi feito inteiramente por nós: arrasou-se o velho Forte de Santa Catarina, que era muito pequeno, acanhado e de pouca resistência, e, no mesmo lugar e por fora dele, levantou-se outro. Para o lado de terra tem um bonito baluarte, cujas cortinas correm para a praia do mar, tendo de um e de outro lado em meio-baluarte que se fecham por uma tenalha; a sua circunferência



é bastante espaçosa, e suas muralhas belas e elevadas; mas por causa das areias movediças, como sucede em todas as praias, não se pode ter fossos profundos; de qualquer modo é de grande resistência. Antes do nosso governo foi este forte empreitado estando muito adiantado a conclusão dele; mas fomos nós que pagamos a maior parte das despesas. Custou 31.000 florins.”

*Maurício de Nassau
14 de janeiro de 1638*

ANTECEDENTES

A conquista e povoação da costa brasileira requereram um esforço muito grande à coroa portuguesa contra o assédio estrangeiro e a resistência dos indígenas. Em todos os locais, os nativos resistiram ferozmente à espoliação de suas terras e à escravização, só que sem sucesso, em face da melhor organização e tecnologia dos europeus.

A Paraíba não surgiu como uma das capitanias hereditárias. Seu território fazia parte do quinhão dado a Pero Lopes de Souza, em 1534, colonizador que tinha fundado a bem-sucedida capitania de Itamaracá, ao sul. No entanto, assim como os demais donatários, ele não teve condições de povoar e ocupar toda a costa sob sua responsabilidade. No território de Pernambuco, na fronteira com a Paraíba, deu-se início à guerra contra os nativos. Em decorrência dessa guerra, a coroa portuguesa retomou as terras da Paraíba,



Expedições luso-brasileiras, perseguindo e desbaratando os nativos que tentavam resistir

transformando-as em uma capitania repovoada, pertencente ao Rei. A conquista não foi feita pelas tropas da coroa, mas sim por moradores de Pernambuco e Itamaracá.

Ainda que elaboradas, as defesas indígenas não foram capazes de deter as perseverantes e impiedosas expedições luso-brasileiras, perseguindo e desbaratando os nativos que tentavam resistir. No final, a implacável guerra movida pelos

colonizadores acabou pacificando a região, fazendo com que os indígenas acabassem se rendendo e fossem colonizar as áreas em torno dos engenhos de açúcar, no Rio Paraíba e afluentes.

...fazendo com que os indígenas acabassem se rendendo e fossem colonizar as áreas em torno dos engenhos

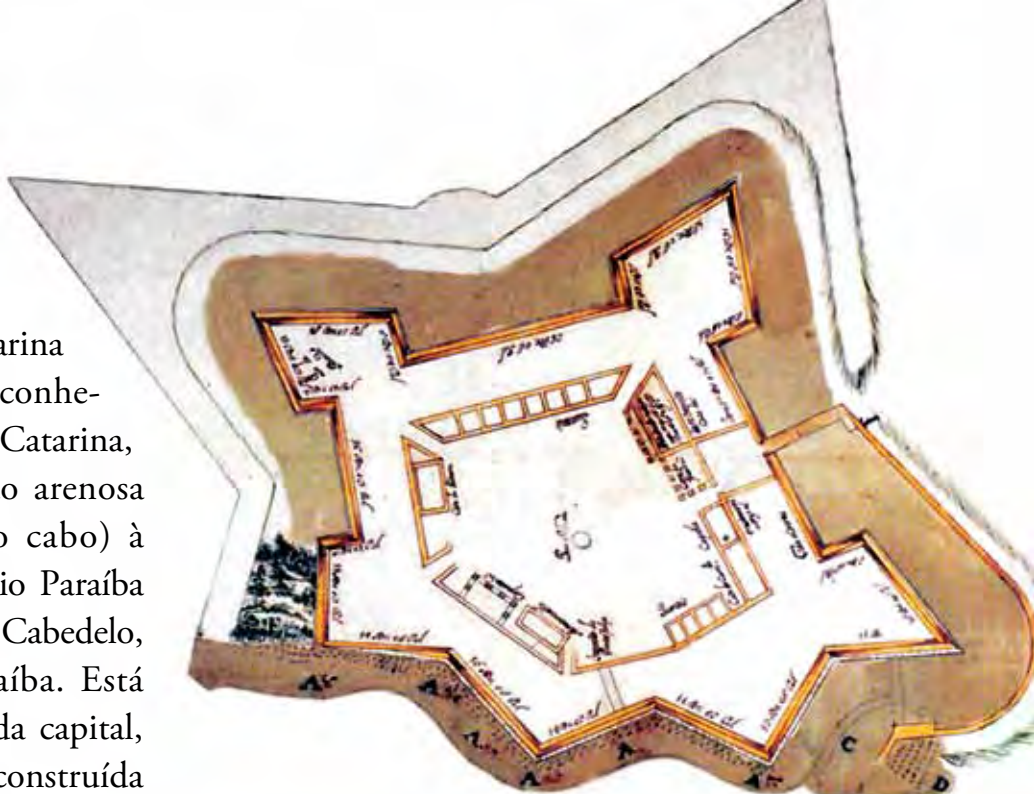


O FORTE

O Forte de Santa Catarina do Cabedelo, popularmente conhecido como Fortaleza de Santa Catarina, localiza-se sobre uma elevação arenosa (cabedelo significa pequeno cabo) à margem direita da barra do Rio Paraíba do Norte, atual Município de Cabedelo, no litoral do Estado da Paraíba. Está distante dezoito quilômetros da capital, João Pessoa, e possui uma área construída de 12.710m².

No século XVIII, após reformado, tinha um traçado irregular, com dois baluartes¹ para o lado de terra, dois meio-baluartes no lado do rio, com a cortina² entre esses dois meio-baluartes sendo em tenalha.³ O desenho externo das muralhas lembra um pouco o do período holandês, porém irregular, e tinha um fosso aquático, o que a construção holandesa não previa e que viria a ser uma constante fonte de problemas, já que as águas do rio minavam as fundações, colocando em risco as muralhas.

A praça d'armas, o espaço interno, acompanhava o desenho das muralhas com pequenos quartéis junto aos muros, divididos em diminutos compartimentos, como era costume na época, o que dificultava o controle e a disciplina dos soldados. No interior, havia também uma cisterna,



capela, casa da pólvora, armazéns, casa do comando e casa do capitão-mor da capitania. O trânsito era em curva, tendo uma ponte fixa e uma grade móvel que impedia que o atacante que conseguisse passar pela ponte levadiça entrasse no forte. Havia uma porta falsa dando para o rio.



Vista aérea atual do Forte.

1 - Baluarte ou Bastião - é uma obra de fortificação avançada com dois flancos e duas faces.

2 - Cortina - é um muro recuado que liga 2 baluartes.

3 - Tenalha - é a parte de uma face do baluarte que forma um ângulo reentrante para a parte de fora.

HISTÓRIA



A história do Forte de Santa Catarina começa no Século XVI e, ao longo dos anos, depois de sucessivas reformas e construção de novas instalações, ampliou a sua área construída, até chegar ao seu formato atual. Recebeu inicialmente o nome de Forte de Cabedelo.

A primeira fortificação foi construída em 1590. Ficava distante da cidade e muito difícil aos moradores garantir a sua ocupação em caso de ataque. A fragilidade da defesa continuou até que os índios potiguares atacaram e a destruíram em 1592.

Com muita dificuldade, uma nova edificação começou a ser construída. O projeto, um quadrado irregular, tinha dois baluartes em lados opostos. Seus muros eram de pouca espessura, com aberturas no nível do solo

onde estavam posicionados onze canhões e, no centro, o poço de água doce.

Os holandeses conquistaram a Paraíba em 1634 e reformaram o sistema de defesa, construindo fortificações na cidade e, aproveitando as instalações do forte, ampliaram-no e



Pátio com poço de água doce ao centro. Ao fundo, rampa de acesso à muralha

colocaram o nome de Forte de Margarida, em homenagem à irmã de Nassau. A nova posição era maior que a anterior, sendo capaz de ser mobiliada com quinhentos homens. Seu custo foi de 31.000 florins holandeses.

Os holandeses realizaram uma boa administração, agradando a população. Permitiram a liberdade religiosa, respeitaram as propriedades privadas, pagavam o justo valor pelos produtos que usavam e mantiveram os impostos portugueses, sem acrescentar outros novos, proporcionando uma convivência pacífica com os moradores.

A Companhia das Índias Ocidentais foi forçada a abandonar o território paraibano, em 1654, após a derrota em Guararapes.

Com a reocupação da capitania, a administração portuguesa foi obrigada a voltar às antigas práticas do Brasil Colonial. Cabedelo foi reformado e, pela falta de recursos, as outras fortificações não foram beneficiadas, sendo prejudicado o sistema defensivo da região. O forte foi rebatizado e passou a chamar-se Santa Catarina.

A decisão de um novo forte em Cabedelo foi tomada em 1698, quando uma carta régia autorizou que ele fosse refeito e recomendou que as pedras que os navios trouxessem de Lisboa por lastro se lançassem pelo rio, servindo de arrocamento.

Apesar do elevado custo e das dificuldades financeiras da capitania, a obra foi concluída. A fortaleza foi artilhada com 42 peças de bronze e de ferro, de diversos calibres. A guerra da sucessão espanhola contribuiu para o retardamento da sua reforma.

Em 1819, o governo, como tinha feito em diversas províncias, decidiu que as muralhas de Cabedelo deveriam ter canhoneiras⁴ para aumentar a defesa da guarnição.

Com a Regência, em 1831, a fidelidade política das Forças Armadas ficou sob sujeição, resultando em drásticas reduções do efetivo militar.



O estado de abandono em que chegaram a ficar as muralhas



Outro ângulo do abandono

A falta de pessoal e de recursos levou a que o forte ficasse em ruínas, por não ter uma manutenção regular. O Governo Provincial fez algumas obras, em 1848, que não foram suficientes para atender às necessidades, tendo em vista o vulto dos danos.

Em 1850, em face da crise militar que se esboçava com a Inglaterra, por causa do tráfico de escravos e das intervenções dos navios ingleses em nossas costas, foi feito um

4 - Canhoneiras – Aberturas nas muralhas, onde se posicionavam os canhões.



Vista atual das muralhas com seus canhões e sua imponência, após a restauração em 1972





esforço para colocar a fortaleza de novo em condições operacionais.

Sem pessoal suficiente, o estado de ruína só foi aumentando, confirmando o que os presidentes da Província da Paraíba informavam nos seus relatórios.

O abandono geral da fortificação foi reconhecido no final da década de 1870, quando a edificação foi cedida para a Marinha. Dez anos depois, o prédio foi devolvido para o Exército. O edifício foi aproveitado como cadeia pública.

Em 1907, deixou de ser considerada uma fortificação, ficando abandonado por muitos anos, até ser tombado como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pelo IPHAN, em 1938.

A extensão do Porto de Cabedelo, em 1957, apesar de ter prejudicado o entorno

do forte, ajudou a preservar a integridade das muralhas, afastando o efeito das águas do rio.

Grandes obras de restauração das muralhas foram feitas, em 1972.

Pátio como está atualmente, após a restauração



Canhão posicionado no pátio, simbolizando a defesa de nossa Pátria



Casa do
Capitão-mor
da Capitania



Varanda ao nível do
pátio



Casa da Pólvora

Em 1907, deixou de ser considerada uma fortificação, ficando abandonado por muitos anos, até ser tombado como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pelo IPHAN, em 1938.



Rampa de acesso entre
o pátio e as muralhas



Canhão e âncora à
frente da capela



Varanda no pavimento superior

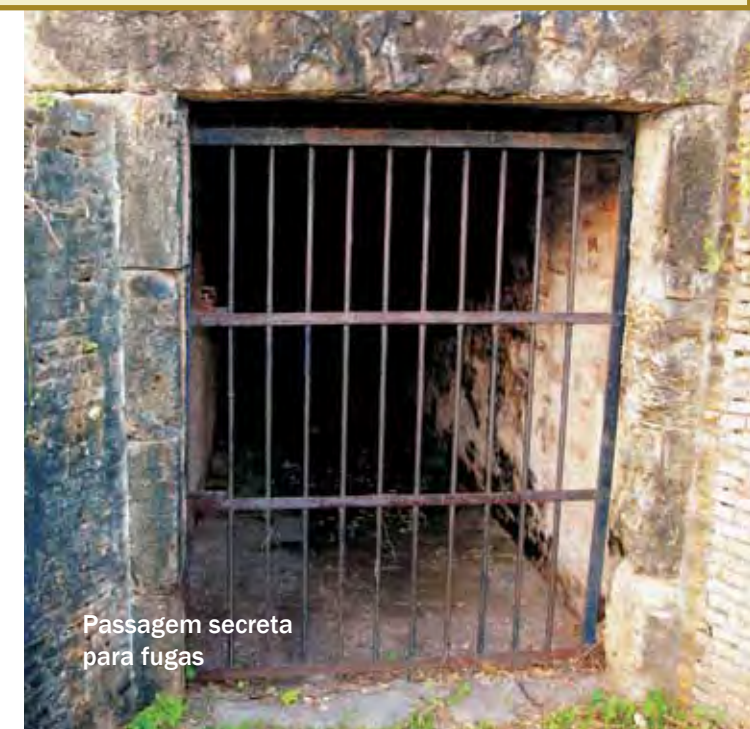


Salão para exposições temporárias e eventos

A extensão do Porto de Cabedelo, em 1957, apesar de ter prejudicado o entorno do forte, ajudou a preservar a integridade das muralhas, afastando o efeito das águas do rio.



Exposição com a história do Forte em painéis e azulejos da época



Passagem secreta para fugas



Painel de azulejos com frase de Gaspar Barlaeus

“Passam os séculos e os homens, mas repetem-se os fatos e suas causas”

ENCERRAMENTO

Desde a sua primeira construção no período colonial, a Fortaleza de Santa Catarina foi um marco na história do Estado da Paraíba, pela defesa que oferecia ao território, protegendo a costa das invasões estrangeiras e também contra os indígenas.

Foram esses indígenas o principal obstáculo quando os portugueses desembarcaram, para dar início à colonização, numa área em que a fertilidade da terra tornava-se o grande atrativo para desenvolver a agricultura e pecuária, além da expectativa de outras riquezas que poderiam aflorar.

O período da invasão e domínio dos holandeses durou vinte anos e, como resultado da boa administração de Maurício de Nassau, trouxe desenvolvimento à região e um período de convivência pacífica com os moradores, ainda que submetidos ao domínio do invasor. Também reformularam e ampliaram o quartelamento, o que veio a fortalecer o sistema de defesa.

Durante o período colonial e republicano, sucessivas reformas ocorreram, impedindo que fossem destruídas suas instalações.

Ao ser tombado pelo IPHAN, em 1938, tornou-se um atrativo turístico, dos mais procurados pelos



Visita de estudantes



Banda de música



Aulas de capoeira

que visitam a Paraíba, alcançando aproximadamente trinta e cinco mil visitantes ao ano.

Atualmente, há uma variedade de atividades culturais desenvolvidas ao longo do ano, destacando:

- Encenação da paixão de Cristo;
- Projeto da Banda de música, com diversas apresentações anuais;
- Atividades de artes plásticas, danças populares, teatro e musicalização;
- Aulas de capoeira;
- Além de locações dos espaços para casamentos, aniversários, colação de grau e outras atividades sociais.

A fortificação está sob a administração da Fundação Fortaleza Santa Catarina que, ainda que disponha de poucos recursos financeiros para a sua preservação, com muito esforço, tem mantido o patrimônio bem conservado.

Diariamente, um pequeno número de guias, dentre eles alguns voluntários, prestam informações históricas do riquíssimo patrimônio, orgulho do Estado da Paraíba.

PAULO ROBERTO RODRIGUES TEIXEIRA – Coronel de Infantaria e Estado-Maior, é natural do Rio de Janeiro. Tem o curso de Estado-Maior e da Escola Superior de Guerra. Atualmente é assessor da FUNCEB e redator-chefe da revista *DaCultura*.



Vista geral do Forte de Santa Catarina. Ao fundo, a linha do horizonte, por onde vieram os holandeses

Bibliografia

- Barreto, Anibal. Fortificações do Brasil, Biblioteca do Exército Editora, RJ. 1958.
Correia, João Rosado. Fortificações Portuguesas no Brasil, Mensoraz: Centro de Estudos Patrimoniais Lusófonos da Fundação Convento de Orada, 1988.
Frota, Guilherme de Andrea. Quinhentos anos de História do Brasil, Biblioteca do Exército Editora, RJ. 2000.
Castro, Adler Homero Fonseca de. Muralhas de Pedra, Canhões de Bronze, Homens de Ferro, FUNCEB. Editora, RJ. 2009.
Siqueira, Ricardo. Fortes e Faróis, RJ. 1997.